



O SABER FEMININO AFRICANO: TRAJETÓRIAS E CONHECIMENTOS PARTILHADOS POR MULHERES NEGRAS NO BRASIL

Glauce Raimundo
glauceprado@yahoo.com.br
Graduada em Geografia Licenciatura– UNIFAL-MG

6
9

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a um registro de conhecimentos culturais e de trajetórias históricas relatadas por quatro mulheres negras pertencentes aos municípios de Divisa Nova e de Alfenas, localizados na mesorregião sul/ sudoeste de Minas Gerais.

Busca-se a partir dessa pesquisa dar visibilidade e contribuir para a documentação e produção acadêmica de relatos históricos, tradições, saberes e memórias de povos afrodescendentes, sobretudo de mulheres negras.

O artigo se divide nas seguintes partes: metodologia, discussões acerca da importância e necessidade de estudos que abordem saberes e trajetórias de mulheres negras brasileiras, relatos de saberes e trajetórias das mulheres entrevistadas nessa pesquisa e considerações finais.

A cultura brasileira também foi construída pela mulher negra, através de suas contribuições de conhecimentos trazidos da África em navios negreiros. A mulher africana partilhou de seus diversos saberes - relacionados a crenças, a literatura e a arte, a estética, a medicina natural, a culinária e tantos outros aspectos culturais afro-brasileiros. Dessa forma, as mulheres negras com suas mãos habilidosas auxiliaram e auxiliam na construção cultural e sócio espacial de nosso país. Abordar tais saberes culturais em pesquisas acadêmicas é resgatar

toda a beleza e resistência histórica da cultura afrobrasileira, firmada em uma conduta de dor e exploração: a escravidão de negros e negras no Brasil.

Nota-se que apesar de todos os esforços e avanços para a superação de desigualdades étnicas- raciais e de gênero, ainda persiste uma baixa valorização e uso de conhecimentos que relatam histórias, memórias, sentimentos, experiências, culturas e políticas afrodescendentes, sobretudo no meio acadêmico. Referências de estudos desenvolvidos ou protagonizados por mulheres negras ainda são limitadas na ciência acadêmica brasileira, principalmente na ciência geográfica.

É emergencial que tal fato seja revertido, pois representa grandes perdas relacionadas a produção de conhecimento e a compreensões das desigualdades raciais e de gênero no Brasil.

METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho baseou – se no posicionamento epistemológico da Geografia Cultural, a partir de estudos e compreensões dos manifestos culturais (experiências, vivências, costumes e saberes) de mulheres negras brasileiras.

Durante a pesquisa foi resgatada discussões teóricas metodológicas acerca da mulher negra e a necessidade de produções acadêmicas relacionadas a seus saberes e trajetórias em bibliotecas da UNIFAL-MG e demais bibliotecas virtuais de outras instituições de ensino e artigos disponíveis em revistas eletrônicas.

Após isso, procedeu-se a coleta de dados primários em entrevistas com quatro mulheres negras, com faixas etárias entre 20 - 53 anos sobre o conhecimento cultural e histórico ensinados ou apresentados a elas por mulheres negras que fazem parte de sua família ou que apresentem outro vínculo próximo ou distante. Nessa etapa da pesquisa, o instrumento investigativo utilizado foi a oral, pois

A entrevista em suas diversas aplicações, é uma técnica de interação social, interpenetração informativa, capaz de quebrar isolamentos grupais, individuais e sociais, podendo também ser vir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em seus mais diversos usos das Ciências Humanas,

constitui-se sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MIGUEL, 2010, p.2)

O método de pesquisa utilizado neste trabalho foi o hermenêutico fenomenológico, método pertencente a Geografia Humanista, que valoriza percepções e interpretações de distintas pessoas relacionadas a suas vivências e espacialidades.

A necessidade de produções acadêmicas na Geografia sobre saberes e trajetórias de mulheres negras no Brasil

Estudos de gênero e de relações raciais e étnicas no Brasil tem nos demonstrado que pesquisas sobre mulheres negras devem ser desenvolvidas continuamente, pois permitem maiores compreensões acerca de suas vivências e também permite averiguar disparidades de gênero e de desigualdades raciais que as cercam. Mulheres negras desde a escravidão sofrem duplo preconceito, o racial e o de gênero, que as inserem em um círculo vicioso de marginalização e discriminação racial.

Ser mulher e ser negra no Brasil significa estar inserida num ciclo de marginalização e discriminação social. Isso é resultado de todo um contexto histórico, que precisa ser analisado na busca de soluções para antigos estigmas e dogmas. (SANTOS, 2009, p.1)

A escravidão transformava negros e negras em mercadorias e propriedades. A mulher negra, assim como o homem negro era vista como unidade lucrativa de trabalho para os senhores da Casa Grande, “desprovida de gênero, sendo uma trabalhadora por tempo integral para o seu patrão e ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa.” (DAVIS, 2016, p. 17).

Dessa forma, remontar-se em tempos presentes para a mulher negra é uma tarefa árdua, pois são grandes os obstáculos a serem superados por elas em diversos setores de nossa sociedade: na falta de acesso a sistemas de saúde, na extrema pobreza, no adentramento e permanência no ensino básico, regular e superior, no direito a um trabalho digno e na representatividade política.

Pesquisas realizadas por intelectuais afrodescendentes denunciam a falta e a desvalorização de abordagens acadêmicas que evidenciem as vivências e

ANAIS DO 3º WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL: O lugar e as disputas da cultura no espaço

19 e 20 de julho de 2017

UNIFAL-MG - Alfenas-MG

www.unifal-mg.edu.br/geografia/workshopdegeografiacultural

experiências de mulheres negras na sociedade, assim como a representação subalterna de mulheres afrodescendentes na universidade.

(...) mulheres negras constituem uma minoria, em todos os corpos docentes das universidades públicas brasileiras e suas produções intelectuais não têm ganhado muito destaque entre os principais veículos de circulação do conhecimento acadêmico. De fato, devemos enfatizar que o problema. (SANTOS, 2016, p.5)

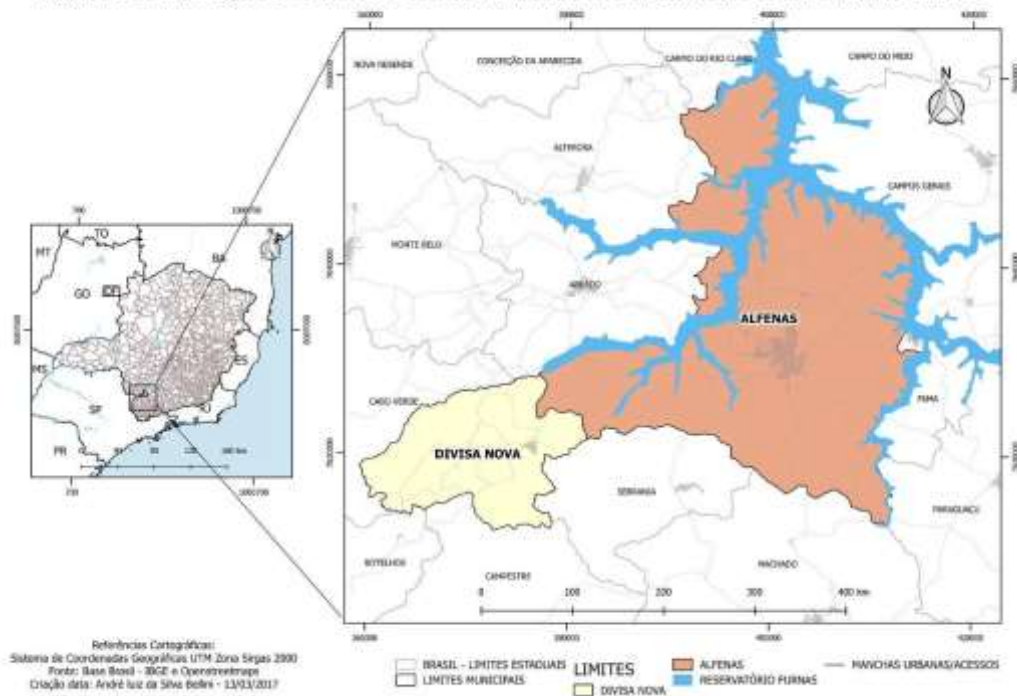
É de grande importância que a geografia brasileira e as demais ciências acadêmicas nacionais intensifiquem pesquisas que documentem, registrem e averiguem de forma mais contínua histórias, saberes, memórias, práticas sociais, políticas e culturas afro-brasileiras, em particular, informações que se refiram a mulheres negras, para o avanço de discussões acerca do gênero a partir de recortes raciais e da cultura afrobrasileira na ciência geográfica que influenciarão diretamente no desenvolvimento de estratégias sociais e políticas públicas que revertam as condições marginalizadas em que vivem .

A literatura produzida no campo político e acadêmico por feministas afrodescendentes tem enfatizado a centralidade da intersecção de raça, gênero, classe e sexualidade não só no que se refere à compreensão do status marginalizado e drásticas condições de vida a que as mulheres negras encontram -se sujeitas, mas também no que diz respeito à elaboração de estratégias sociais e políticas que transformem esta circunstância. (SANTOS, 2015, p.71)

Para tanto, é necessária a valorização de histórias relatadas por mulheres negras, sendo primordial ouvi-las e unir os discursos de suas vivências ao espaço geográfico, atribuindo valores aos seus sentimentos e a suas vozes que narram realidades, espacialidades, problemáticas e resistências.

Mediante a essa grande necessidade, os presentes trabalhos propõem-se a registrar os relatos de quatro mulheres negras moradoras dos municípios de Divisa Nova e Alfenas, ambos localizados na mesorregião sul/ sudoeste de Minas Gerais, evidenciando saberes ensinados ou apresentados a elas por outras mulheres negras as quais possuem parentesco ou outro vínculo, acerca da medicina natural, da culinária, da arte e da literatura e da estética. Abaixo segue-se o mapa de localização dos dois municípios onde as entrevistas foram realizadas:

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE DIVISA NOVA E ALFENAS NO ESTADO MINAS GERAIS



7
3

Fonte: Base IBGE Brasil e Openstreetmaps

Criação: André Luiz Bellini **Data:** 13 de junho de 2017

Mulheres negras: Relatos de vivências, conhecimentos e trajetórias

Evidenciar em pesquisas acadêmicas vivências e trajetórias de diferentes pessoas nos permite enfatizar a história de suas vidas de maneira singular relacionando-as com a vida social, trabalhando assim “com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos”. (PAULINO, 2016, p.1)

Dessa forma, a partir das entrevistas realizadas com quatro mulheres durante esse trabalho possibilitou a apresentação de vários saberes, conhecimentos e trajetórias associadas a doces lembranças que se remetem a pessoas, lugares e épocas de suas vidas, bem como a processos de empoderamento, luta e resistência que ainda estão em construção dia após dia.

A *topofilia*, sensação de sentimentos afetivos a partir das relações das pessoas com a natureza e ideias sobre os espaços, momentos e lugares (CISOTTO, 2012), foi perceptível a partir de falas, expressões, emoções das entrevistadas:

Nossa, como é bom lembrar, na hora que você me perguntou foi bom de lembrar ... o cheiro é uma coisa que me remete a lembranças. (D.N.A.R; 39 anos) As lembranças evidenciadas pela a entrevistada acima referem-se ao cheiro do remédio caseiro leite e rosa branca, utilizado para aliviar tosses e dores na garganta que sempre era preparado por sua mãe durante a sua infância.

Quando eu lembro do passado eu sinto saudade, saudade daquele tempo, da minha vó, das coisas simples que eram feitas com carinho. (M, C.R; 54 anos)

Nessa fala, a entrevistada refere-se a um sentimento de saudade a uma determinada época de sua vida, associada ao tempo e a espacialidades vinculadas a seus avós.

Saberes associados a remédios naturais e a misturas de plantas e cascas medicinais foram evidenciados para a cura de resfriados e dores de garganta que sempre eram feitos ou indicados por suas avós:

Para curar a nossa bronquite, minha vó sempre fazia um xarope que tinha que ter 2 cascas de jatobá, 7 folhas de poejo, 7 folhas de hortelã, 7 dentes de alho, um maço de rapadura e colocava tudo no fogão de lenha até virar um caldo. (M.C.R; 54 anos)

Uma das entrevistadas afirmou que durante a sua adolescência abandonou o uso de remédios naturais, mas que na maternidade a partir busca por um parto natural, ela retomou novamente o uso de medicamentos naturais (D. R. A. R; 39 anos).

A utilização de plantas medicinais em famílias afro- americanas possui singularidades, dentre eles a realização de rituais com características místicas em busca da cura. A utilização de medicamentos naturais em famílias afro-brasileiros também é uma prática constante transmitida de geração em geração, mesmo desconhecendo os aspectos religiosos ligados as plantas (ROSA, HOGA, SANTANA, et.al, 2014, p.46). Sobre a culinária, as entrevistadas relataram conhecimentos e ensinamentos acerca do preparo de comidas como a feijoada,

angu com feijão preto e a utilização de diversos temperos na comida (salsinha, cebolinha, coentro, manjeriço e orégano, alho e cebola). A presença de uma horta de temperos no quintal da casa da avó e o cuidado no preparo dos alimentos, como o fatiar a couve bem fina e a lavagem da cebola antes de fatiá-la para não amargar a comida foi um dos principais saberes relatados por uma dentre as mulheres dentre as entrevistadas, ensinados por suas tias, prática que para ela propiciava um sabor diferenciado e especial na comida. (G. F. L; 23 anos), assim como o respeito e a gratidão para com o preparo da comida (D. R.A.R; 39 anos).

O saber culinário relaciona-se a história de mulheres negras desde a escravidão. Estudos já desenvolvidos evidenciam que a partir da gastronomia, mulheres negras conhecidas como ganhadeiras ou vendadeiras movimentam o comércio das cidades do Brasil colônia a partir da venda de comidas feitas por elas, saber culinário que aprenderam dentro do espaço religioso africano (BOTELHOS e SANTOS, 2016).

As escravas percorriam a cidade vendendo a sua comida de orixás, carregando os seus tabuleiros com grande força e resistência, obtendo satisfatórios lucros na venda para os seus senhores e muitas das vezes conseguindo obter valores suficientes para a compra de sua liberdade pela Carta de Alforria.

Sobre conhecimentos relacionados a arte, uma das entrevistadas relatou um saber artístico de origem africana, a qual aprendeu na internet com outra mulher negra artesã: a confecção da boneca Abayomi, uma boneca que carrega um grande significado de amor, acalanto e coragem. A entrevistada evidencia que promove oficinas para crianças e mães de Abayomis na escola onde leciona em um projeto que busca resgatar as diversas formas de ser e estar no mundo. Em suas palavras, ela relata que:

As mulheres quando atravessavam o oceano em navios negreiros, as mulheres escravizadas quando vinham com os seus filhos que começavam a chorar e entravam em desespero, rasgavam a barra de suas saias e faziam bonecas somente com amarrações, sem nenhuma costura para que acalantar essas crianças. Hoje a gente faz com a boquinha, com o colarzinho, mas antigamente não tinha nada disso. E essa boneca é a Abayomi que vem do oruibá onde Abay significa encontro e Omi precioso. Conforme a gente vai

falando e fazendo essas bonecas em oficinas a gente vai acionando o primeiro sistema de resistência dessas mulheres ainda no porão do navio negreiro (D. R.A.R; 39 anos).

Abaixo, segue-se a foto da boneca artesanal Abayomi.



Imagem 1: Boneca Abam-me

Fonte: Própria

Conhecimentos associados a confecções de pulseiras feitas de plantas embira, confecções de cestas e balaios ensinadas por avós (M.C.R; 54 anos), confecções de bonecas com jornais a partir de moldagens e pinturas feitas por uma prima (F.V.L; 20 anos) e práticas ligadas a costura de roupas ensinadas por sua mãe (D. R. A. R; 39 anos), também foram relatados pelas demais entrevistadas.

A arte africana reflete luta e resistência a partir de histórias, mitos e crenças que se remetem a negras e negros, ao continente Africano e a travessia do Atlântico em navios negreiros para as Américas. Sendo assim:

A arte africana é um reflexo fiel das ricas histórias, mitos, crenças e filosofia dos habitantes deste enorme continente. A história da arte africana remonta o período pré-histórico; exemplos da arte primitiva africana são as esculturas modeladas em argila dos artistas da cultura Nok. Eles faziam esculturas de marfim, máscaras entalhadas em madeira e ornamentos em ouro e bronze. Os temas retratados nas obras de arte remetem ao cotidiano, à religião e aos aspectos naturais da região. (SILVA, 2014, p.31).

Assim como artesanatos, danças, músicas, culinárias e cultos religiosos, a literatura africana e afro-brasileira também resgata a importância cultural, política, econômica e social de negros e negras no Brasil.

Uma dentre as mulheres entrevistadas relatou o contato com o livro “Mulheres, raça e classe” de Ângela Davis que aborda a história da mulher negra em um contexto norte-americano. Em suas palavras ela relata que:

Foi o primeiro livro que tive contato, foi um livro assim com foco mesmo na mulher negra ao longo do tempo em um contexto EUA, mas desde o período de escravidão até hoje, ela (a autora) vem fazendo aquela linha do tempo. Esse é o primeiro livro assim que eu tive contato que eu sei que foi escrito por uma mulher negra. (F.V.L; 20 anos)

Ainda em entrevista (F. V. L; 20 anos) evidenciou que em sua infância houve o contato com histórias infantis africanas e afro-brasileiras contadas por uma mulher negra em um programa de televisão no canal Futura:

Era um programa infantil onde uma moça contava histórias para crianças, onde os escritores eram pessoas negras, não só do Brasil, mas de outras partes da África aí eles traduziram esses livros para cá e ela (a apresentadora) contava essas histórias para as crianças. Eu achava diferente, bacana, pois eu nunca tinha visto, não fazia parte do meu cotidiano aquele tipo de literatura, e me marcou muito porque eu nunca tinha visto uma pessoa com o cabelo igual ao meu (sem alisamento) e ao ver aquela moça que contava histórias para as crianças e ver os desenhos fez eu descobrir que não estava sozinha, rolou aquela coisa de identificação, acho que foi isso que mais me marcou. (F. V. L; 20 anos).

Conhecimentos acerca de literaturas que ilustrem ou narrem afro-ancestralidades, lutas e resistências, também foram relatadas como uma descoberta recente a partir de pesquisas na Universidade e em trabalhos ligados à docência.

Eu estou começando a conhecer mais agora porque é a minha área de estudo, né? Muitas das vezes não são mulheres negras que escrevem, mas as personagens são negras, são personagens importantes, principalmente histórico tipo você vê a rainha Ginga, que é um marco, tem também o movimento Kimpa Vita, então são mulheres negras, africanas da história. Agora na Universidade estou lendo muitas coisas estou numa onda de Paulina Chiziane, que é super popular e a Chimamanda. Foi a partir da pesquisa na Universidade e o contato com minha orientadora que passei a ter conhecimento de histórias africanas. (G. F. L; 23 anos).

Passei a ter contato tardiamente quando lá em 2005 comecei a fazer esse trabalho de educação e questões raciais, eu comecei a pesquisar a forma como o negro é retratado nos livros disponíveis e também a pesquisar livros escritos por pessoas negras com ilustrações respeitadas, que não fazem aquele negro ilustrado como um borrão, com lábios vermelhos enormes e com um nariz desfigurado¹. (D. R. A. R; 39 anos)

O ensino da literatura africana em escolas brasileiras pela lei 10. 639 de 09 de janeiro de 2003 “ deve ser desenvolvida nos ensinamentos de todos os níveis escolares, ajudando a suscitar a tolerância, a autonomia do indivíduo, seu senso crítico, e integralizando-os a outras realidades muito próximas a ele” (GUIMARÃES, 2015, p.4). Sendo assim, abordagens ligadas a literaturas africanas, bem como indígenas e de demais etnias brasileiras, poderão proporcionar a construção e reconstrução de um olhar mais profundo e respeitador para o outro.

Na estética africana, o cabelo também se associa a identidades. Na África, os cabelos sempre foram relacionados “a simbologias, indicando status, estado civil, identidade étnica, religião, região geográfica, classe social e status dentro de uma comunidade” (CLEMENTE, 2010, p.6).

Todas as entrevistadas nesta pesquisa evidenciaram um contato direto com tranças, feitas por suas avós, mães e tias durante a infância, presentes até hoje em seu cotidiano em conhecimentos e ensinamentos de penteados africanos. Nos relatos abaixo duas dentre as mulheres entrevistadas afirmam que foi na Universidade onde começaram a ter maior contato com opções de arranjos no cabelo, maquiagens e roupas, a partir do convívio direto e indireto com outras mulheres negras inspiradoras:

¹ A entrevistada se refere a livros infanto-juvenis que ilustravam negros e negras de forma deformada, ridicularizando assim a imagem e existência afro.

Na Universidade eu fui aprendendo (penteados) com outras mulheres, por exemplo, você vai em um evento e vê uma mulher de turbante, vai em outro evento e vê uma outra pessoa com trança nagô, e aí você vai agregando (D. R. A.R; 39 anos).

Essa questão da estética negra eu tive contato na Universidade, a partir de oficinas de turbantes e tranças, opções de maquiagens e roupas (G.F.L; 23 anos).

A globalização e a difusão rápida de informações entre as pessoas a partir do meio virtual, também é um meio de troca de informações de saberes estéticos entre mulheres negras. Dicas de maquiagens, indicações de produtos para cabelos, cuidados ligados a pele, arranjos e penteados utilizando tranças, fitas e turbantes são umas das informações mais compartilhadas entre elas.

Eu assisto muito uma you tuber que o blog dela chama “Beleza Interior”, o nome dela é Mariza Fidelis e ela trabalha com a estética em geral com ênfase em cabelos e maquiagens para mulheres negras. Ela foi a primeira referência de you tuber negra e de cabelo crespo que eu tive. E é de tudo, assim, sem limites, ensinando como pintar, como arrumar, dando dicas de produtos para cabelos e dica de maquiagens tanto nacional como importado. Mostrando várias opções para a gente, como jeitos diferentes de trançar o cabelo, finalizações e texturizações (F. V. L.; 20 anos).

A oferta de artigos de beleza à negros e negras pela indústria cosmética nacional é um movimento recente no Brasil iniciando-se a partir da década de 1990, realidade esta que se confirma a partir das palavras de uma entrevistada:

Eu me lembro que em 1996 saiu o primeiro número da Revista Raça Brasil e naquela época saiu a primeira base do boticário para pele negra, uma base chamada Naomi, o único ícone de beleza negra naquela época. Antigamente, parecia que eles pensavam que negro e negra não consumiam. Hoje você entra em uma loja e pede por uma base todo mundo tem, mas na década de 90 não, não se havia referencial, nem produtos para os nossos cabelos. Hoje, conforme o mercado foi nos descobrindo, produtos foram surgindo (D. R. A. R; 39 anos).

Apesar de todo o progresso no mercado estético para a representatividade africana, não podemos deixar de evidenciar a sua apropriação para o consumo desenfreado de produtos e artigos a partir de um discurso de empoderamento e resistência africana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho surgiu a partir de indagações interiores durante a Conferência sobre Políticas para Mulheres Negras ocorrida na Universidade Federal de Alfenas em fevereiro de 2017, onde foram evidenciadas o papel da mulher negra na história e a responsabilidade de vida e sabedoria carregada por suas mãos. A pesquisa demonstrouse desafiadora, principalmente ao que se diz respeito de referenciais bibliográficos que evidenciem culturas e saberes entre mulheres negras, com um acervo bastante limitado. Mas do que contribuir para produções acadêmicas sobre mulheres negras para a ciência geográfica e demais ciências sociais, este trabalho permite evidenciar saberes e histórias de lutas e resistências firmadas na historicidade de mulheres negras, filhas da

África a quais herdamos ancestralidade.

É emergencial a intensificação de trabalhos que abordem questões de gênero e desigualdades raciais na ciência geográfica brasileira, onde a mulheres negras sejam vistas e tidas como protagonistas, para uma melhor compreensão do espaço geográfico e de conflitos sociais que nele se manifestam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, S.; SANTOS, C. M. MULHERES NEGRAS: gênero e gastronomia religiosa. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 29, n. 1 – jan. /jun. 2016 – ISSN online 1981-3082.

CISOTTO, F.M. Sobre topofilia, de Yi-Fu Tuan. Geograficidade, v.3, n.2, Inverno 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/133>. Acessado em: 15 de julho de 2017.

CLEMENTE, F. A. A trança Afro- A cultura do cabelo subalterno. Disponível em: <http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/247-754-1-SM.pdf>. Acessado em: 09 de julho de 2017.

DAVIS, A. Mulheres, raça e classe; tradução: Heci Regina Candiani- 1.ed.- São Paulo: Boitempo, 2016.

GUIMARÃES, G. P. A. A necessidade de valorização do ensino de literaturas africanas. Revista África e Africanidades – Ano 6 – n. 18, jan. 2015. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/02jan2015.pdf>. Acessado em: 10 de julho de 2017.

MIGUEL, C.V. F. A. A entrevista como instrumento para a investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada. REVISTA ODISSEIA – PpgEL/UFRN. N° 5 [jan-jun2010] ISSN 1983- 2435 Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/viewFile/2029/1464>>. Acessado em: 10 de junho de 2017.

PAULINO, S. A. M. A pesquisa qualitativa e a história de vida. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm. Acessado em: 08 de julho de 2017.

ROSA, S. F. L. P.; HOGA, K. A. L.; SANTANA, F. M.; SILVA, L. A. P. Uso de plantas medicinais por mulheres negras: estudo etnográfico em uma comunidade de baixa renda. Rev Esc Enferm USP 2014; 48(Esp):46-53. Disponível em inglês e português: [www. Scielo.br/ reeusp](http://www.scielo.br/reeusp). Acessado em: 07 de julho de 2017.

SANTOS, B. S. dos. Ação política e pensamento das mulheres negras nas Américas: uma perspectiva africana sobre a diáspora africana. ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 38, P.XX-XX, jul. /dez. de 2015 <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>. Acessado em: 13 de julho de 2017.

SANTOS, S. C. W. da. A mulher negra brasileira. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 5 - Maio. 2009 - ISSN 1983-2354 Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com>. Acessado em: 10 de julho de 2017.

SANTOS, B. S.dos. Mulheres negras, produção de conhecimento: Uma perspectiva sobre desigualdades raciais e de Gênero. Universidade Federal de Rio de Janeiro: 2016. p. 1-12. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO_EV047_MD1_SA8_ID786_26052015193710.pdf. Acessado em: 09 de julho de 2017.

SILVA, K. H. da. A cultura afro como norteadora da cultura brasileira. 25PERSPECTIVA, Erechim. v. 38, n.144, p. 25-35, dezembro/2014. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/144_449.pdf. Acessado em: 06 de julho de 2017.